



Jerónimo Martins prefere mercado à banca para se financiar

A diversificação das fontes de financiamento valeu à retalhista distinções na área de governação da sociedade.

Dírcia Lopes

dircia.lopes@economico.pt

“Toda a gestão da Jerónimo Martins tem sido premiada por causa da gestão que adoptámos virada para o mercado de capitais.” É com esta frase que Luís Palha da Silva, membro do conselho de administração do grupo Jerónimo Martins (JM) e também responsável pelos comités de acompanhamento de matérias financeiras e o de responsabilidade corporativa, justifica as sucessivas distinções que a retalhista tem recebido pelos relatórios e contas, modelo de governação da sociedade e relacionamento com os investidores.

Na edição de 2010 dos Prémios Investors Relations & Governance, organizada pela Deloitte e com o apoio do Diário Económico, Luís Palha da Silva foi distinguido como o melhor presidente executivo (CEO), enquanto o grupo recebeu o galardão de melhor relatório e contas do sector não financeiro.

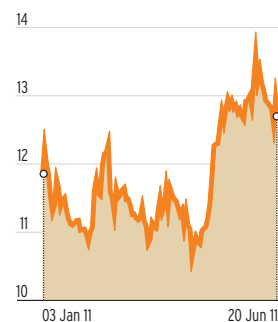
A estratégia da JM aposta na diversificação das fontes de financiamento em vez de ficar dependente do mercado bancário. “Estamos a chegar à conclusão que na encruzilhada que o País vive agora é preciso cada vez maior atenção ao mercado de capitais e sentimo-nos satisfeitos por nos termos preparado”, realça o mesmo gestor.

Independência da gestão

O responsável pelo comité de

JERÓNIMO MARTINS CAI 2%

As acções da retalhista desvalorizaram ontem 2,04%. Cada título fechou a sessão bolsista a cotar 12,7 euros.



Fonte: Bloomberg

responsabilidade corporativa do grupo assegura que a gestão da empresa tem sido bem avaliada pelo mercado. Palha da Silva destaca o facto de a empresa “ter um elevadíssimo cumprimento das recomendações da CMVM”, o regulador do mercado de capitais nacional.

“Às vezes até julgamos que temos um cumprimento superior àquele que outras pessoas eventualmente possam avaliar”, admite o gestor, que garante ainda que a empresa cumpre integralmente o que é hoje considerado um código normal de boas práticas de governação.

Este comportamento é conseguido por haver, explica Palha da Silva, “uma independência da gestão com a representação das diferentes tendências accionistas, com o profissionalismo da gestão e com o desenvolvimento da meritocracia”. “São estes os princípios fundamentais que enformam a boa ‘governance’ e sentimo-nos totalmente confortáveis nesse domínio”, assume.

Com o grupo ainda a ter um ‘free float’ (acções dispersas no mercado) acima de 30%, o gestor admite que é um valor de grande dimensão, mas garante que a estrutura accionista está confortável com essa dispersão do capital. “Dá uma liquidez bastante interessante ao nosso título. É uma liquidez suficientemente interessante”, justifica.

Apesar das variações quase diárias na carteira de investidores, Palha da Silva assegura que a empresa tem “um conhecimento relativamente profundo da base accionista”. “Há um conjunto grande de investidores institucionais que não têm posições relevantes na sociedade e que nos esforçamos por conhecer. Temos um programa de comunicação directa, de ‘roadshows’ com empresas que é intenso e tem tido bons efeitos na comunicação e na imagem de alguém que se esforça muito por comunicar”. ■

IRG Awards 2011
Investor Relations & Governance Awards

Empresas do PSI20 já estão na associação

Luís Palha da Silva preside à Associação de Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado (AEM). O gestor admite que um dos desafios é conseguir o enobrecimento do mercado de capitais, assim como o reconhecimento que este poderia ser bastante mais do que é em Portugal e que as empresas cotadas têm tido uma sólida contribuição para o desenvolvimento da economia portuguesa. Palha da Silva revela

que todas as empresas do PSI20 e várias outras já são membros da AEM. “A nossa ambição seria conseguir ter a generalidade das empresas cotadas, sobretudo que possamos ter uma grande representatividade de pequenas empresas para que o mercado também possa ser uma alternativa não apenas para os gigantes da economia nacional, mas também para outras empresas”, explica Palha da Silva.



PERFIL

Um gestor com costela política

Luís Palha da Silva foi até ao ano passado o homem forte da Jerónimo Martins. Com as mudanças no conselho de administração do grupo de Alexandre Soares dos Santos, assumiu o cargo de ‘chairman’ da comissão de acompanhamento de matérias financeiras e da comissão de responsabilidade corporativa, e membro da comissão de avaliação e nomeações. Do vasto currículo do gestor destaque para o cargo de secretário de Estado da Distribuição e Concorrência no último Governo de Cavaco Silva, de quem se voltou a aproximar enquanto director de campanha nas eleições presidenciais de Janeiro.

TRÊS PERGUNTAS A LUÍS PALHA DA SILVA, membro do

“Ninguém investe sem

Palha da Silva acredita que os particulares já são investidores muito profissionais.

Luís Palha da Silva admite que mais importante que os prémios é a forma de trabalhar, sempre focada na qualidade de serviço. E se, nesta edição, a JM não for distinguida, então “encaramos isso como um pequeno aviso à navegação e tentaremos perceber porquê”, afirma.

Tem expectativa de ver a JM distinguida este ano?

Preferimos nem pensar nisso. Claro que quando acontece ficamos satisfeitos, mas pensamos muito mais no reconhecimento permanente. E o facto de já sermos nomeados tantas vezes se-

guidas, em tantos anos, quer para o relatório e contas quer para o melhor Investor Relations, entre outros prémios, já é um reconhecimento de que nos esforçamos bastante. Se num ano tivermos mais ou menos sucesso na avaliação do júri não é totalmente determinante para a qualidade de serviço que queremos prestar.

Este tipo de prémios tem ajudado a atrair investidores?

Não vou quantificar o número de investidores que decidem investir por causa do prémio. Mas o que está por trás, a comunicação que deu início a esse prémio, é hoje fundamental que exista no mercado de capitais. Não há possibilidade de enten-



conselho de administração da Jerónimo Martins

informação especializada”

“

O facto de haver uma componente familiar na base accionista não tem qualquer interferência sobre o bom cumprimento ou mau cumprimento [das regras de governação].

der o mercado de capitais na acepção antiga de milhões de pessoas a investir as suas pequenas poupanças. Hoje temos investidores altamente especializados que precisam de informação especializada e muito bem justificada. Sem comunicação é impossível estar presente. Só temos investidores muito profissionalizados, mesmo os particulares com carteiras relativamente pequenas. E é essa comunicação que temos de estabelecer independentemente de ganharmos prémios ou não. O prémio talvez seja um aspecto qualitativo. Hoje não há investidor que resolva tomar uma participação numa empresa sem obter informação muito especializada.

O cunho familiar que existe no grupo limita a aplicação das regras de governação?

Não. As regras de ‘governance’ foram feitas para todas as empresas, sejam aquelas que são de capital muito disseminado quer aquelas com capital mais concentrado, aquelas com investidores institucionais ou com investidores individuais, com investidores familiares ou de qualquer outro tipo. O simples facto de termos sido recorrentemente reconhecidos como empresa que está no topo do cumprimento das regras de ‘governance’ diz que o facto de haver uma componente familiar na base accionista não tem qualquer interferência sobre o bom cumprimento ou mau cumprimento. ■ D.L.



ID: 36107322

21-06-2011



Jerónimo Martins Palha da Silva admite que a empresa prefere os mercados para se financiar.